

## A VIDA NÃO É ÚTIL

Resenha sobre as reflexões transformadoras de Ailton Krenak

Giovanna Mendes Corrêa

Ranielly Gonzaga Affonso

Victor Pietoso Frison

*Curso de Computação*

*Centro Universitário FEI*

Palavras-chave: ecologia; sustentabilidade; Ailton Krenak

O livro *A vida não é útil*, de Ailton Krenak, é um verdadeiro “soco no estômago” da atual sociedade consumista. Os cinco capítulos do livro foram elaborados a partir de *lives*, textos e entrevistas que o autor fez durante a pandemia do Covid-19 no ano de 2020. O livro é atual e traz ótimas narrativas e analogias para esclarecer ideias sobre a vida, o consumismo, as atividades humanas e a direção que a humanidade está seguindo. Tratando de um assunto desconfortável e urgente diante dos cenários ambientais, políticos e sociais emergentes no mundo, o autor faz questão de não florear suas opiniões e convicções para tirar o leitor de sua maneira consumista de pensar e refletir sobre as atitudes que estamos tomando e seus impactos na Terra, pois, assim como ressalta Krenak, a Terra é um organismo vivo, e nós somos sua praga.

A linguagem utilizada nos textos é clara, objetiva e crua, abordando aspectos excelentes que facilitam a compreensão da mensagem que o livro deseja transmitir. Durante os capítulos, há diversas citações de músicas, outros escritores e exemplos de situações que vivenciamos recentemente. Essas referências utilizadas fazem com que vejamos que, embora seja um assunto antigo que perdura até os dias atuais, ainda temos muitos aspectos a refletir, e deve-se lembrar que os fatos relatados não são tão distantes de nossa realidade. Além disso, faz-nos reconhecer que o ser humano não é tão forte quanto parece, mas sim frágil, como qualquer outro ser vivo.

Logo no começo do livro, no capítulo “Não se come dinheiro”, Krenak discute a humanidade e diz que os humanos são a “grande ameba” do mundo. Alienados e dopados da ideologia e estilo e vida consumista na modernidade, com hábitos compulsivos e nefastos, não percebemos como afetamos o mundo, assim como é citado na página 17 do livro: “A maioria

das invenções são tentativas de nós, humanos, nos projetarmos em matéria para além de nossos corpos. Isso nos dá a sensação de poder, de permanência, a ilusão de que vamos continuar existindo”. Essa fala remete a um dos principais pontos do autor: a prepotência e ilusão de grandeza que a humanidade possui, pois a Covid-19 não teve piedade em nos mostrar o quão facilmente podemos ser varridos da Terra. Além disso, ele traz uma analogia interessante, sugerindo que deveríamos andar pela Terra como se estivéssemos caminhando sobre algodão, sem deixar rastros. No entanto, isso não é o que ocorre. A humanidade pisa forte e deixa marcas profundas no planeta. Até mesmo um bebê, no colo de sua mãe, deixa pegadas no mundo.

Então, quando a humanidade irá perceber que os recursos irão acabar e não são infinitos como a frenética produção industrial nos faz achar que são? Achamos mesmo que ao destruir rios, florestas e diversos ecossistemas para construção de máquinas, essas tecnologias irão salvar o planeta e desfazer todos os prejuízos e danos que fizemos à Terra em todos esses séculos? Citando um dilacerante trecho do livro da página 26: “Eu me pergunto quantas Terras essa gente precisa consumir até entender que está no caminho errado”.

Na segunda parte, “Sonhos para adiar o fim do mundo”, o autor nos convida a fazer desse momento de crise que foi a Covid-19 uma oportunidade de rever a configuração da sociedade atual para então haver uma mudança de ideais e princípios, até porque não é possível construir novas estruturas usando a planta do projeto de que queremos nos desvencilhar. “Se encararmos as coisas dessa forma, isso que estamos vivendo hoje não será uma crise, mas uma esperança fantástica, promissora”. Podemos sonhar com essas mudanças, pois nada é realizado sem antes uma força de vontade agir sobre nossa consciência. A natureza já está nos alertando sobre a necessidade de revisão das atitudes humanas.

Os povos indígenas sempre alertaram que o mundo está sendo destruído. Dizem que não deveríamos tratar a Terra dessa maneira e que só parariamos para refletir quando fosse tarde demais: quando tivéssemos que pagar para respirar, algo que a Terra oferece gratuitamente, e quando não tivéssemos alimentos, perceberíamos que dinheiro não é comestível.

O ato do indivíduo pensar que algo é inválido para si não anula o fato de estar acontecendo, como exemplifica Krenak ao dizer que os rios estão sendo poluídos pela extração sem precedentes de minérios. Na página 73, onde o autor diz: “Ou você ouve a voz de todos os seres que habitam o planeta com você, ou faz guerra contra a vida na Terra”, vemos que somos tão ignorantes que apenas quando o ser humano estiver sendo afetado que tentaremos mudar, não nos solidarizamos com a fauna e flora sendo

aniquiladas em nome de criações tecnológicas, porque a humanidade quer um iPhone, não importa o custo ambiental em pauta. O livro também destaca os povos originários. Com toda a ambição, inovações tecnológicas e destruição do planeta, eles foram esquecidos e deixados de lado. Isso não é algo apenas recente, mas tem sido o caso desde que tiveram suas terras invadidas pelos colonizadores. Esses povos sabem se relacionar com seu ambiente, não “vendem o amanhã” como a sociedade faz agindo com a ideia de que permaneceremos eternamente, independentemente de como a natureza esteja sendo tratada.

Outro fato que não há como esquecer após ler é que nós fazemos parte da natureza, não somos soberanos com relação a ela. E se a ideologia capitalista de grandes corporações e elites trata o planeta com tamanho desprezo e negligência, assim nos tratará também. Combater as destruições que o capitalismo executa não é somente por nós, mas por cada ser vivo que também compõe a biodiversidade terrena. Não existiremos sem ela, não podemos comer dinheiro nem sobreviver de ações da Bolsa de Valores. Nós estamos “comendo” o mundo, assim como Krenak cita. Acreditamos em uma falsa sustentabilidade com a concepção que os produtos que encontramos nos comércios são 100% naturais e infinitos e haverá sempre um estoque para consumirmos.

A leitura desse livro é única, bruta e ousamos dizer que, assim como a frase de Heráclito, poderíamos mudar sua frase original sobre os rios para “Nenhum homem pode conhecer duas vezes Krenak, pois na segunda vez Krenak já não é o mesmo, nem tão pouco o homem!”. Desconfortável e transformadora, cada página abre novos horizontes e cultiva o sonho de melhora do comportamento humano. Os povos indígenas possuem conhecimentos que nós, criações das cidades grandes, não temos repertório para ver. Diante da dominação do capitalismo no mundo atual, a obra de Krenak se torna um portal para a consciência e reconexão com a natureza, entidade que estamos nos afastando e destruindo. Como poderemos continuar vivendo alienados com as reflexões que esta obra nos traz? Já não somos os mesmos após ler o livro e temos a responsabilidade com aquela que criou cada minério e rio que estamos destruindo, a Terra.

Krenak diz uma frase muito impactante na página 91: “Tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro”. Essa frase diz muito sobre como sempre estamos com pressa de fazer as coisas e acabamos não vivendo, somente seguindo a rotina como robôs manipulados pelo capitalismo, destruindo tudo e todos ao redor em nome de novos “brinquedos” tecnológicos. Diante disso, é uma leitura edificante que nos

ajuda a nos envolver como verdadeiros cidadãos da Terra, detentora verdadeira de todas as tecnologias.

## *Referências*

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.